

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento de S. e Castro

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO II

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 1º de Março de 1888

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 117

EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes

Pedimos aos nossos dignos assignantes que se acham em atrazo com a nossa folha, o favor de remirem o seu debito.

Fazemos este justo pedido para sabermos com quem podemos contar no nosso 2º anno de existencia; podendo contar suas senhorias com este baluarte na imprensa ao seu dispor, para defeza dos opprimidos.

E' nosso agente em Itatiba o sr. Amelio Braga.

Desde 1 de Dezembro que está encarregado da cobrança desta folha nesta capital, o sr. João Rodrigues de Castro.

Os srs. assignantes que nos enviarem a importancia de suas assignaturas poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

FOLHETIM

(110)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XXIX

Armazem de escravos

Thomaz tinha consigo, como a maior parte dos seus companheiros, uma caixa com a sua roupa. Fizeram-nos entrar, para passar a noite, num grande sala aonde uma multidão de gente, de todas as idades e de todas as cores, se achava reunida, rindo e divertindo-se uns com os outros.

— Bravo! bravo! rapazes! riam e brincavam, que o meu desejo é vê-los alegres! diz Mr. Streggs, entrando na sala. Bem, Samba, muito bem, meu maganão! ajunta elle, dirigindo-se a um enorme preto, que executava algum ignobil gracejo, excitando os estrondosos applausos que Thomaz ouviu ao entrar.

Thomaz, como se pôde julgar, não estava disposto a partilhar taes divertimentos. Foi pôr a sua caixa o mais longe possível do grupo ruidoso, e assentou-se em cima, com a cabeça encostada á parede.

Os que se dão ao commercio da carne humana fazem todos os esforços por entreter continuamente em seus armazens uma estrondosa alegria, como o melhor meio de desterrar a reflexão, e de fazer esquecer aos escravos a sua triste posi-

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 1º DE MARÇO DE 1888.

O crime da Penha do Rio do Peixe

Em um dos ultimos numeros do *Liberal Paulista* lemos uma carta da Penha do Rio do Peixe, escripta pelo sr. Adail de Oliveira, empregado itinerante daquelle folha.

Nessa carta o homem procura innocentar aquellas *pombas sem fel!*

Agora ainda acabamos de ver uma outra carta daquelle lugar, dirigida ao *Correio de Campinas*, que a publicou em seu numero de 28 do mez passado.

Isto, combinado com o facto de ter sido convidado para a defeza daquelle *santinhos*, o genro do dr. Barreto, nos faz crer que os homens estão sendo perseguidos!!..

Estamos já mudando de opinião, quanto á criminalidade que os *pervertidos* lhes querem attribuir.

Parece que o diabo não é tão feio, como se pinta; aquella gente anda envolvida em algum *mysterio*, como o do Pinto.

Vejamos:

Elles reuniram-se, em numero avultado, e entraram armados, alta hora da noite, na povoação; e não entraram mais cedo, porque não se reuniram a tempo.

Assaltaram a casa de Joaquim Firmino, cujas portas arrombaram a machado.

Surprehenderam a victima, na tranquillidade do lar, em companhia sua mulher e filhos; assassinaram a este de um modo barbaro; feriram a mulher e maltrataram as creanças.

Roubaram tudo quanto encontraram, principalmente dinheiro; e em seguida assaltaram outras casas, onde praticaram os mesmos excessos, não assassinando, porque as victimas apontadas fugiram á sua sanha.

Andaram pela cidade, disparando tiros e soltando gritos anarchistas, e depois retiraram-se, quando começavam a receiar a luz do dia, que raiava no oriente.

Estes são os factos em sua eloquente brutalidade!

Agora, vejamos, como se podem explicar á moda do Pinto.

A reunião premeditada, explica-se deste modo:

Era para obrigar Joaquim Firmino a embarcar... simplesmente para isto! João Klinck, já declarou isso mesmo, e nós devemos acreditar na palavra *honrada* de um Yanke.

A multidão armada e o luxo de força, era por um capricho innocente: a gente da roça anda sempre armada, por necessidade de defeza contra os escravos, que é gentinha, com quem não se deve brincar.

A casa de Joaquim Firmino, não foi tal arrombada, como se propala: cahio a uns *gritinhos* que elles soltaram, por pandiga, exactamente, como as muralhas de Jerichó, ao som das trombetas dos levitas.

Então, como elles acharam a casa aberta, entraram nella para tomar café em companhia de Joaquim Firmino, que era muito amigo do dr. James, tanto que *isso que até na vespera tinham tomado cerveja*, juntos.

Vai então Joaquim Firmino assustado-se a *tôa*, e corre para o quintal e, saltando por uma janella, cahe e quebra um braço! Tão caipora fosse elle, que quebrava os dois.

Não sabemos como foi, quebrou também a cabeça, batendo em alguma pedra, de certo.

Vai então o dr. James e quer acudir a Joaquim Firmino e toma-lhe o pulso... na garganta, porque o braço estava quebrado.

Não se admirem disto, porque é *cirurgia americana*: os medicos da grande *Republi-*

em toda a parte.

Tanto isso é certo, que foram também tomar... o pulso ás gavetas, donde tiraram, por meio de uma boa sangria, o excesso de... sangue, que podia ocasionar uma apoplexia fulminante.

Sim, porque dinheiro é sangue, lá se diz na terra d'elle.

Joaquim Firmino morreu do tombo, que deu da janella; ninguem fez nelle um arranhão!

Do auto de corpo de delicto não consta que o dr. James desse esporadas no cadaver do amigo e nem se pôde admitir que assim procedesse quem, na vespera, tomava cerveja com o outro.

Cerveja e espóra, são drogas incompatíveis, e um medico não a receitaria, e muito menos as applicar. Não!

maz, fazendo-lhe cócegas, para agradecer.—estás meditando, heim?

— Devo ser vendido amanhã em leilão! respondeu Thomaz tranquillamente.

— Vendido em leilão! — Oh! oh! vendam cá, vocês, se querem ouvir uma boa Tomara eu estar no teu lugar, e veriam como os fizias rir á todos! Mas diz-me, por ventura todo esse bando parte amanhã? pergunta Samba, pondo familiarmente a mão sobre o hombro de Adolpho.

— Faz favor de me deixar socegado! diz Adolpho, empertigando-se, e com ar de nojo e de desprezo.

— Aí! aí! quem vê o negro branco os ares que se dá, rapazes? diz Samba dirigindo-se aos outros pretos. E como elle cheira a agua de Colônia! ajunta elle, chegando-se a Adolpho, e cheirando-o. Conviria perfeitamente a um estaqueiro, porque aromatizaria o tabaco, e os freguezes não lhe faltariam!

— Repito-lhe que me deixe socegado, tem entendido! diz Adolpho furioso.

— Meu Deus! como somos cociguentos, não outros pretos brancos! Olhem cá para mim, rapazes!

— E Samba pôz-se a arremdar as manneiras de Adolpho.

— Parece-me que não nos falta graça e dengice? diz elle para os seus espectadores.—E' que fizemos parte de alguma nobre familia, não sabem?

— Sim, diz Adolpho, pertenci a um senhor que podia comprar os vocês todos!

— Vejam lá que personagem somos! replica Samba.

— Pertenci á familia Saint-Clair! diz Adolpho vaidosamente.

Isso nunca.

Como, então, estavam em vespereiras de Carnaval, elles foram preparar a mesma pirraça a outros individuos, que fugiram, sem ver de que!!..

Foi pagodeira de Carnaval, nada mais.

O tal cobre que elles *alapidaram* das gavetas, também pura pandega: era para entregarem, outra vez, aos donos, dizendo-lhes que era uma pilheria de tempo de carnaval.

A policia fez um *fiasco* tomando a serio o que era *caçada*. E então a imprensa, *chi!!..* que papel triste!!..

Escrever tanta correspondencia, mandar os seus *reporteres* passarem telegrammas... que bobice... gente!!..

Agora fiquem sabendo que foi tudo... de brinquedo.

O que fizeram foi só incommodar quem podia estar muito quietinho em sua casa, sem saber de nada, e fazer com que elles vão encher *á tôa* a barriga dos advogados.

Tanto barulho por causa de um homem que cahiu de uma janella e quebrou a cabeça.

Pois ainda não se lembram, que o Victorino, por descuido, cahiu também, n'um lugar que não cheira bem, e depois puzeram a culpa n'um coitado, que está alli na correição, *á tôa... á tôa...*

Deixem de *bobagens*, nós já estamos mudando de opinião. Aquelles homens da Penha, são umas *pombinhas sem fel*.

E se não querem crer, esperem o jury, e verão no elles saem de lá, lim-

nosso espirito sempre desassocegado e não permittia que nem ao menos os abolicionistas e os infelizes escravos gozassem do somno, descanso creado por Deus, para esquecimento dos males da vida.

Depois que fundou-se em Santos essa benemerita associação, depois que aquelle povo nobre e ativo, entendeu que, remir os captivos, era uma das virtudes que mais pôde ennobrecer o homem, dormimos mais desassombrados, porque tinhamos certeza que na terra que deu o berço aos Andradas, elles seriam protegidos.

Todos sabem o tentamen que teve o governo por vezes de declarar guerra á Santos.

Baldados foram os intentos, porque encontraram no heroismo de seus habitantes, uma verdadeira fortaleza, contra os ataques escravocratas.

Todos estes acontecimentos, repetidos, nasceram da criação da Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro, que desorganizou-se no dia do seu anniversario, coberta de louros e rodeada das lagrimas e agradecimentos de milhares de escravos, que viveram e vivem alli, protegidos por ella.

Sentimos profundamente que encomodos de saude e de espirito, não nos permittissem ir á Santos abraçar a cada um desses heróes que tanto nos coadjuvaram na propaganda da remissão dos captivos.

é boa

O sr. João Pereira por força quer ser procurador eterno e secretario perpetuo da irmandade dos pretos, tanto do Rosario como de S. Benedicto.

Inegavelmente nós apreciamos o João Pereira e achamos um excellent moço, muito honesto e capaz de todas as virtudes.

O que estranhamos é que s. s. na meza da irmandade do Senhor dos Passos, propuzesse que as irmandades de S. Benedicto e Rosario, sejam obrigadas á fazer Passos todos os annos, mas que essas irmandades por serem de pretos, não possam acompanhar a procissão.

Christo quando pregou, não fez distincção entre pretos e brancos, mulatos e caborés e até diz a historia que S. Mathias era negro, tanto assim que se

todas as idades, desde a infancia até á velhice. Aqui, é uma bella menina de dez annos, cuja mãe foi vendida na vespera, e que agora, sem ninguem fazer attenção a ella, tinha adormecido á força de chorar.

Acolá, é uma velha preta cançada, cujos braços dessecados, e mãos callosas atestam o seu longo e penoso serviço. Está para ali como um artigo de refugio, para amanhã ser vendida pelo que quizerem dar por ella! Quarenta ou cincoenta outras d'essas pobres creaturas, com a cabeça coberta d'uma manta, ou com as suas saias alevantadas, estão para ali estendidas como uma manada de porcos! N'um canto, á parte, vêm-se duas mulheres d'um exterior particularmente interessante.

Uma d'ellas é uma mulata decentemente vestida, d'uns quarenta a cincoenta annos de idade, d'uma physionomia agradável e dóce. Uma especie de turbante feito com um bello lenço de seda da India lhe orna a cabeça. O seu vestido é bem feito, e d'uma boa fazenda, o que tudo denuncia que até então tinha vivido commodamente. Ao lado d'esta mulher, e bem chegada a ella, está uma rapariga d'uns quinze annos: é sua filha, porque, posto ser branca de neve, se assemelha com ella nas feições.

Tem os mesmos olhos pretos e ternos, com pestanas um pouco mais longas, e seus cabellos são d'um louro escuro. Veste igualmente com gosto e decencia, e suas brancas e delicadas mãos denotam que nunca conheceram os trabalhos de uma escrava.

(Continúa)

Sociedade emancipadora 27 de Fevereiro

Fomos obsequiados com um telegramma que nos dirigiu a directoria dessa benemerita sociedade, da cidade de Santos, convidando nos para assistir o seu anniversario e sua dissolução.

Os serviços que prestou essa benemerita associação á causa abolicionista, nunca poderão ser esquecidos daquelles que trabalham com sinceridade pela redempção dos escravos.

Santos, foi a porta do céu aberta, para dar ingresso á milhares de infelizes de escravos que nesta capital acoados constantemente pelos rafeiros da policia e capitães do matto, traziam

— Devéras? Mas, apesar d'isso, quem desfazer se de ti, e vão vender-te juntamente com alguma louça rachada, e outos artigos semelhantes! diz Samba, fazendo uma das suas mais grotescas caretas.

Adolpho, exasperado por este insulto, arremeçou-se fuioso ao seu adversario, vociferando e socando-o por toda a parte. Os espectadores riam e applaudiam, fazendo uma algazarra tal, que o guarda veiu vêr o que era.

— Que é isto, rapazes? nada de bulha! diz elle, sacudindo o seu enorme chicote. Todos fugiram para diferentes partes, excepto Samba, que prevalecendo-se do favor de que gozava junto do guarda, como bôbo de profissão, não receion as suas chicotadas, abaixando a cabeça, com uma faceta carantonha, cada vez que o guarda alevantava o chicote.

— Não somos nós que faz-mos a bulha, senhor! estavamos bem socegados; são esses que vieram ultimamente, que são insupportaveis, tratando-nos com desprezo e insultando-nos!

O guarda virou-se para Thomaz, e para Adolpho, e sem outra formalidade, distribuiu-lhe um certo numero de bofetadas e de pontapés, e depois de aconselhar aos outros de serem bons rapazes, e de se irem deitar, partiu mui satisfeito.

Emquanto esta scena se passava no dormitório dos homens, não deixaria de ser curioso para o leitor observar o que se passava na sala proxima, destinada ás mulheres. Vê-se ali, estendidas e adormecidas pelo chão, em variadas attitudes, um consideravel numero de mulheres de todas as cores, desde o preto de ébano até ao branco da leite e rosas; de

o sr. Pereira e os irmãos do Senhor dos Passos quiserem verificar isso, leiam a obra intitulada *Eva e Ave* ou *Theatro da Philosophia Christã*, onde relatando-se as informações que tirou Cesar Augusto sobre o facto de terem crucificado um homem que passava por filho de Deus, informaram que tal não se tinha dado, porque esse homem ainda existia.

Testemunhas porém vieram provar que Christo que tinha sido crucificado era branco, e que Mathias, que ainda existia, era preto.

Já vê o sr. Pereira que Christo entre os seus apóstolos também admitiu um preto e talvez S. Lucas e outros apóstolos, fossem pretos, porque todos sabem que na Ásia, o maior numero é de pretos do que de brancos.

Ora, porque razão convidando-se outras irmandades porque a de Passos não tem pessoal, para fazer almas na precissão não hade se convidar as irmandades dos pretos tanto do Rosario como de S. Benedicto, que gastam para fazer Passos?

Em S. Paulo, como todo mundo sabe, o espirito religioso está desaparecendo completamente e já todos riem-se quando veem um doutor revestido com o habito dos Remedios, como se um homem formado ser religioso, fosse objecto de ridiculo.

Ora, estabelecidas sr. João Pereira, as cousas neste ponto, claro fica que unicamente aos humildes compete hoje concorrer para o engrandecimento do nosso culto.

Todos sabem também sr. Pereira que na precissão dos Passos, apparecem alguns medalhões ricos como o conde de Parnahyba, marquez de Tres Rios e outros mas é unicamente para figurar, segurando nas bórlas do estandarte que leva uma inscripção, que elles são os primeiros a ignorar.

Convide-seas irmandades do Rosario e S. Benedicto, ou então os brancos que se desprezam dos pretos, larguem os empregos que occupam nessas irmandades, porque já ha muitos pretos que leem e escrevem melhor o portuguez do que muitos brancos.

Sempre fomos inimigos de distincção de raças e a prova de que os pretos governam mais que os brancos, está no Cotegipe, que apesar de preto, tem dado agua para os brancos.

Como estamos em quaresma, resolvemos de vez em quando escrever artigos religiosos deste naipe, pois que está escripto nos livros Santos que se deve castigar os que erram.

Mortandade de indios

Hoje, que nesta provincia se trabalha com affinco para se introduzir imigrantes, gastando-se para esse fim sommas fabulosas, que fazem tornar quasi impossivel possuir-se alguma cousa, pois que é immenso o gravame de impostos,—despovoa-se os sertões, matando-se os infelizes indios.

Ao estrangeiro que nenhum interesse tem na prosperidade deste paiz, se fornecem meios de transporte, comida, e até terras; ao passo que aos donos deste paiz, aos miseros selvagens, dá-se a morte e rouba-se o que elles têm.

O progresso, mal entendido, e a relaxação das ordens religiosas deram como resultado a prohibição de entrada de noviços nos conventos.

Existem esparsos pela provincia immensos edificios que fizeram os antigos religiosos, completamente desertos e em ruinas.

Seria bom que a assembléa provincial legislasse no sentido de serem admitidos noviços nos conventos franciscanos, com o fim de se crearem missionarios brasileiros que fossem aos sertões do Rio Novo do Parapanema e outras paragens da provincia—chamar os indios infelizes para o gremio da sociedade e da religião.

Entendemos que não ha inconveniente algum, para a provincia, que se pvoem os conventos deshabitados, desde que esses homens prestem serviços ao estado.

Introduzem-se de um lado imigrantes e de outro lado matam-se os brasileiros, verdadeiros donos deste paiz.

Segundo estamos informados a carnificina, que se tem feito ultimamente nos infelizes indios em Campos Novos de Parapanema, em Rio Novo e outros logares,—tem sido uma cousa horrosa.

Que culpa têm esses infelizes que os estadistas da nossa terra se occupem mais de ambicionar posições politicas de que de servir á nação?

Os padres entendem que a sua missão neste mundo consiste em occupar boas parochias e amontoar fortunas, evangelizando aquellos que já são evangelizados.

Pois bem; faça a assembléa provincial mais esse serviço á humanidade, decretando uma lei que autorise a reabertura dos conventos franciscanos. Perto de S. Sebastião ha um enorme convento de S. Francisco, que está se destruindo completamente. Póde ser ahi a séde dos missionarios franciscanos.

Com mais vagar poderão esses frades fundar convento nesses sertões e assim acabar com o meio que ultimamente emprega o estado:—catechisar os infelizes indios á tiro.

Não somos tão tolos que entendamos que o nosso conselho seja adoptado pela assembléa. Hoje se entende que a sabedoria consiste em deixar de ser religioso e não acreditar em Deus e desprezar as doutrinas pregadas por Christo.

A escravidão

I

As instituições se moldam de accordo com o meio social; tudo tem sua época, sua quadra, tudo tem sua phase de florescencia e vigor, decadencia e desaparecimento, dando lugar a novas reformas, cada vez mais aperfeiçoadas de harmonia com a marcha evolutiva da humanidade.

As sociedades e as civilizações variam, melhoram, se modificam e se aperfeiçoam na razão directa do adiantamento intellectual da humanidade. A civilização da idade da pedra e bronze não se pode dizer a mesma da civilização chaldaica e egypcia e estas com a alta civilização do nosso tempo em que o homem augmenta o seu thesouro, engrandece o seu patrimonio de saber, exerce as suas faculdades intellectuales em creações arrojadas e a sombras em todos os ramos da actividade humana, na industria, na arte, na lavoura, na navegação, na litteratura, na philosophia, etc.

Desde que o homem pôde livremente, sem as peias da tyrannia, exercer a sua intelligencia na manifestação do pensamento, e em consequencia das revoluções e transformações sociaes de accordo, de harmonia com o progresso humano.

II

O organismo social teve como origem a união de alguns homens, a formação de grupos, para defender-se ou assaltar outros grupos.

Os primeiros utensilios do homem foram as armas de pedras que serviam para se defender dos animaes, seus competidores no conflicto vital, a luta pela existencia, e para defesa dos assaltos do inimigo racional e irracional.

O accordo mutuo para a convergencia ou concentração de forças contra os obstaculos da natureza, contra as grandes immigrações de povos nomadas; o estado de defesa contra as guerras de devastação e de raça, foi um dos primeiros actos da unificação social.

O povo nomada, por seu turno, para atacar as populações sedentárias, mais ricas, concebeu o plano da disciplina e instituiu um chefe que era o regulador dos assaltos.

Pelo exposto, vê-se, que a guerra pela aggregação das forças esparsas foi um factor poderosissimo para a organização social e o desenvolvimento industrial pelo aperfeiçoamento das armas.

Nas guerras primitivas usavam matar os prisioneiros, o que era excessivamente atroz, mas com o correr dos annos, com os primeiros vislumbres da civilização foi abolida a carnagem imposta aos prisioneiros, e instituída a escravidão.

Por ahi vê-se claramente que a instituição da escravidão foi uma instituição humanitaria naquella tempo, pois poupava as vidas dos prisioneiros de guerra.

Nas antigas civilizações a guerra tornou-se a profissão exclusiva da aristocracia e os trabalhos manuaes que eram reputados despreziveis, eram exercidos pelos povos subjugados, pelos escravos. Só na idade média foi que a industria e as artes começaram a se emancipar e se rehabilitar do depreciamento imposto pelos antigos.

Estando affecto aos escravos os trabalhos manuaes é incontestavel que elles contribuíram efficazmente para o progresso, grandeza e augmento da industria e das artes.

III

Certas instituições, como a escravidão, as monarchias e algumas mais, foram medidas provisórias para garantir a sociedade naquella tempo, cuja estabilidade e permanencia em nosso tempo constituem um attentado, peccam por absolutas.

«Todos os erros em Politica e em Moral, diz Condoreet, têm por base erros philosophicos, que por si mesmos estão ligados a erros physicos.» «Os erros physicos, diz Theophilo Braga, são os incompletos dados objectivos, os erros philosophicos são as consequências de um exagerado subjectivismo, e os erros em Politica e em Moral são os absurdos conservados nas instituições e nos costumes sociaes.»

A escravidão e a monarchia são dous absurdos conservados entre nós, são duas ulceras que atrophiam nosso paiz, que suzam a vitalidade de um paiz novo; são duas instituições condemnadas, são dous trambolhos que nos peiam, que nos impedem de caminhar para nos equiparar ás grandes nacionalidades.

Os dias da escravidão no Brazil estão contados; assim como o povo espontaneamente lança por terra aquella nefanda instituição, deve igualmente iniciar a obra da queda da monarchia, este antro de corrupção e podridão que só serve para nos amesquinhar e impedir que sejamos grandes, fortes e venturosos.

A escravidão e a monarchia são dous elementos enervadores, o primeiro debilita a actividade da nação, retarda a marcha do progresso, o segundo escraviza a consciencia da nação impondo as trevas á luz para garantia e estabilidade de uma instituição condemnada, um roubo aos direitos dos cidadãos.

A escravidão para se manter exige a ignorancia dos escravos, a transformação de pessoas e cousas; a monarchia por sua vez exige a ignorancia do povo, falseando a instituição, dando indigestões de theologia para desviar o povo do caminho da sciencia, do progresso e da civilização.

Microscopia

O fazendeiro Carlos Olympio foi absolvido e o Marquez Silveira que o accusava foi obrigado a abandonar o cargo de juiz de

No outro processo, por crime de terimentos leves, o jury absolveu Carlos Olympio e ainda o advogado d'este, Costa Carvalho desandou descompostura bravia na portuguezada.

De sorte que Silveira apanhou, esteve no tronco, foi insultado, e ainda por cima paga as custas de tudo! Tal qual como o hollandez: paga o mal que não fez.

Tambem quem o mandou metter-se com fazendeiro e zangar-se por o haverem mettido no tronco? É o diabo do bobo appellou para a justiça como se fazendeiros tivessem que vêr com ella!

Que Silveira se dê por muito feliz com a decisão das justicas de Campinas. Outra fosse ella, e Silveira não pagaria só as custas, seria condemnado a ir de novo para o tronco do Carlos Olympio....

Não se sabia quem seria o macaco que metteria a mão na combuca da Penha para empalmar os cem bagos com as taes fêras d'aquelle sertão acenavam a advocacia ávida de successos e de milho.

Já se pronunciou porém um nome... Parece que o dr. Jesuino Cardoso pegou na isca....

Bem bom! E eu que tenho umas continhas a ajustar com este amigo a respeito de uma sua celebre conferencia republicana em Campinas!

Permita-me que lamba os beiços, de contentamento e que explique o meu microscopico sobre a figurinha.

Vou alli já venho.

D. BIBAS.

Praça de escravos na cidade de Passos

Para vergonha eterna da humanidade, fomos encontrar na *Gazeta de Passos*, provincia de Minas, um edital que faz o dr. Alfredo Moreira de Barros Oliveira Lima, juiz de orphams e auctentes daquelle termo, convidando o povo para vir assistir e arrematar um pobre homem de nome Nicoláu de idade de 30 annos, que foi separado para pagamento de custas.

O que custava a esse juiz, que tem tamanho nome e que é juiz de orphams por consequente dos desgraçados, intervir com seus companheiros de fóro,

para que dispensassem essas custas a favor da liberdade desse infeliz?

Fomos juiz e muitas vezes dispensamos as custas que nos contava a favor dos orphams, nós que temos o nome pequeno e que exerciamos o cargo de juiz com sacrificio, porque eramos pobre.

Vende-se esse infeliz que vae ser expatriado, divide-se o product do seu corpo em mil pedaços e essas quantias vão ser gastas talvez no jogo, ou na libertinagem.

Damos abaixo a integra do edital para mostrar ao publico que em Passos, separa-se um infeliz escravo para pagamento de custas e os empregados do fóro preferem vêr o individuo soffrer, com tanto que elles recebam essa ninharia, do que dar uma carta de liberdade ao infeliz que 30 annos tem estado como escravo.

«O dr. Alfredo Moreira de Barros Oliveira Lima, juiz municipal e de orphams nesta cidade de Passos e seu termo, etc.

Faço saber aos que o presente meu edital virem com o prazo de dez dias, que se acha á venda e arrematação na praça desta cidade, um escravo por nome Nicoláu, idade trinta e um annos, avaliado na quantia de setecentos mil réis, pertencente ao espolio do finado capitão Manoel Ferreira de Souza Brandão, separado em partilhas para pagamento de custas e dividas, que se ha de arrematar a quem por elle mais dêr e lançar quizer. E para que chegue á noticia de todos se expede o presente pelo qual se convida a todos os proponentes para apresentarem suas propostas em carta fechada que serão abertas na audiencia especial do dia quatorze do corrente, na sala da camara municipal, ás onze horas do dia. Dado e passado nesta cidade de Passos, ao primeir dia do mez de Fevereiro de 1888. Eu, Joaquim Martins de Freitas, escrivão de orphams que o escrevi.—*Alfredo Moreira de Barros Oliveira Lima.*

Estava devidamente sellada com uma estampilha de duzentos réis, inutilizada na fórma da lei.—Está conforme.—*Martins.*»

Festa ao senador Prado

No dia 25 de Fevereiro os membros da *União Conservadora* promoveram grandes festas a seu digno chefe o sr. conselheiro Antonio Prado.

Apesar de estarmos arredado da politica e sermos dominado por uma unica idéa—a abolição da escravidão, não podemos deixar de vêr justiça nas homenagens que os conservadores prestam a seu chefe.

Se o conselheiro Prado se limitasse apenas a allimentar intriguinhas politicas, que têm por fim distribuir empregos a seus parciaes e tomar empregos dos contrarios,—então para nós esse homem não passaria de um ente vulgar e de um mandão de aldeia.

O conselheiro Prado tem sabido tornar-se util á provincia, procurando por todos os modos seu engrandecimento.

Ainda ultimamente abraçando as idéas abolicionistas tornou-se credor da estima daquelles que trabalhando pela redempção dos escravos não vizam interesses de posição ou gloria.

Não descreveremos as festas que se fizeram porque as outras folhas diarias já se incumbiram dessa missão.

Uma das cousas que mais apreciamos foi a libertação da nossa capital, se realmente ella se deu.

Conhecemos os escravocratas e sabemos perfeitamente a luta que é preciso haver para que elles larguem os miseros escravizados que possuem.

Segundo estamos informados, alguns membros da *União* deram liberdade condicional aos seus, facto que achamos muito ridiculo para uma capital onde abunda o trabalho livre, e ha facilidade de se adquirir creados.

Si nós quizessem libertar toda a provincia condicionalmente ha mais de 2 annos que já o teriamos conseguido.

E' que entendemos que o unico modo de libertar é sem a minima condição.

Este facto de terem membros da *União* libertado escravos condicionalmente em homenagem ao anniversario de seu chefe, foi uma cousa abandalhada e impropria de homens de caracter.

Vamos publicar o nome desses patifes, por atacado e a varejo, até que fiquem reduzidos a typos.

E' bom que o conselheiro Prado conheça os individuos que o rodeiam.

Processo da rua de São Bento

Tinham-nos informado que o honrado dr. Manoel Dutra Rodrigues, tinha sido juiz do processo da rua de S. Bento e nesse sentido escrevemos no numero passado, que a elle se devia a despronuncia, mas pela carta que abaixo publicamos, verá o publico que tal facto não se deu.

O crime não está prescripto e do despacho de pronuncia não se fez intimação ao dr. promotor publico e é caso portanto do mesmo, se quizer cumprir com seu dever, pedir vista e recorrer para o Colendo Tribunal da Relação, onde naturalmente se fará justicia.

Sr. dr. Antonio Bento.

Tendo ha muitos annos, me dedicado á causa dos miseros captivos, como v. mui bem sabe, mag a-me a referencia que a meu nome fez o jornal *A Redempção* de 26 do passado, em um artigo sob a epigraphe—*JULIO RAMALHO*, dizendo que por compaixão deixei de cumprir os meus deveres de juiz substituto em um processo instaurado contra Julio Nunes Ramalho e sua mulher pelo crime previsto no art. 193 do código criminal.

Costumo assumir a responsabilidade de meus actos, mas não quero que recahe sobre mim a responsabilidade que a outros cabe.

Como v. verifícará dos autos não funcionei absolutamente em tal processo, feito o inquerito e a formação de culpa pelo juiz substituto de então o dr. Rocha Vieira, foram os autos conclusos ao dr. Bellarmino Peregrino da Gama e Mello que julgou improcedente a denuncia.

De v.

att.º collega obrig.º

MANOEL ANTONIO DUTRA.

CHRONICA DA ASSEMBLÉA

As 11 horas da manhã foram entrando um por um os pais da patria e tomando seus assentos.

Nos poleiros estavam os representantes do zé-povinho, deputados useiros e costumeiros, inclusive o Pedro Considerações.

Faltaram sem causa participada: Felippe, o senador B-A-BA e seu elephante, o Faustino X., ficando dispensado de assistir as sessões o deputado de força Mesquita porque optou pelo logar de telegraphista do governo.

O medalhão Mané Alves, lá estava coçando a barba e o Delfino medalhão, não compareceu a sessão por cancela da festa do obelisco.

Feita a chamada gritou—presente—o Cerqueira Mendes e de palito em punho esgravatava os restos de bife de cebolada com que o abba de o regalou esta manhã.

Léo o Parada a acta, dançando cayapó, costume que já por vezes o Antonio lhe tem feito sentir que fica feio para um deputado, representante de um dos mais importantes logares da provincia, como vem a ser Caracopoliba.

Lida a acta, approvada entra no gallinheiro o padre Serodio, verdadeiro dono de todos os sertões de Campos Novos de Parapanema e a traz d'elle, vem o Antonio Gomes de Aranjó, acompanhado de uma cambada de notabilidades invisíveis para nós mortaes, mas visíveis para o Zé Luiz, Coelho da serraria, Baturra e outros que com facilidade encheram espiritos.

Sahimos um pouco para decidir uma pequena questão sobre assumptos que não interessam os leitores e quando voltamos, encontramos um deputado sentado na nossa poltrona e tão delicado, que só com a vista levantou-se e deu-nos o lugar a que temos direito adquirido.

Pela palavra Leonelzinho e com toda pujança pronunciou um discurso mostrando a necessidade da assembléa provincial votar um voto de louvor a pujança da nossa capital.

Estava perto de nós um deputado velho de nome Porto que principiou a anular com uns apartes que interrompiam as nossas notas.

Com tudo, polemos pouco mais ou menos reproduzir esse discurso nos seguintes termos:

—A idéa que desabrocha com pujança no coração da patria com pujança caminha de norte á sul de este a oeste com pujança. A liberdade é a igualdade phisica de todos os homens.

O Porto não concorda com esta definição porque disse que, depois que libertaram um preto baixo, elle ficou baixo e se fosse igualdade phisica elle ficava alto como o Gabriel Cantinho.

Sem attendermos á estas considerações continuamos a ouvir o discurso do joven deputado que dizia:

—O dia 25 do corrente foi um dia de gloria, foi um dia de alegria.

O Porto abelhou disse, se isto fosse em francez tornava-se indecente. « Nós saudamos neste momento, continuou o orador, esse phantasma valente, chefe da União que com toda a pujança, tem sabido caracterisar o povo regorgitando de liberdade que fez tremular na provincia.

Neste interim entrou o promotor publico, julgando que era outra manifestação com côpo d'agua, e o orador continuou:

—Vós, ó vós, que sentado n'esse tabernaculo santo, sabeis com toda a pujança repulir as crateras do Vezuvio.

Neste interim entra o Lulú Loureiro e toma assento no peleiro.

O orador continúa:..... cujos rodomoinhos girando com pujança ao redor da humanidade, pôdem concretizar o espirito fluido das heras que ficam determinadas nos equinoxios dos tempos.

O Porto—muito bem.

—Eu saúdo neste momento, continuava o orador, esse illustre e varão e peço á todos os presentes que bebam a sua saude, porque.....

O Antonico encastifado chama com os dedos o Jaguaribe e lhe communica que o negocio está-se tornando inconveniente.

E nós olhando para baixo, para descançar o espirito atribulado e amargurado por tanta pujança, vimos o Mané Alves coçando a barba e notamos que o Delfino medalhão não compareceu a sessão por canceira da festa do obelisco.

O orador depois de ter conversado com o Jaguaribe apresentou o seu requerimento nos seguintes termos:

Requeiro que para eterna gloria de tamanha victoria fique na historia este amphitrião e que passado tempo das meritorias se lance no livro a redempção. O Rubião achou o requerimento prosaico e poetico e declarou que votava a favor, com a condição de o Leonel entender-se com os abolicionistas para não bofrem com os seu creados que todos são ferros.

Votados o requerimento e a emenda do Rubião, lançou-se na acta um voto de louvor a capital, deixando-se de votar ao Rio Claro, Limeira, S. Roque, Santos, Tanbaté e outros logares que com muito mais sacrificios libertaram-se.

Pedi a palavra o Parada e principiou a desenvolver a sua loquella, pedindo que um estudante passasse para o terceiro anno da Escola Normal, sem ter frequentado o primeiro e o segundo.

E para que os deputados não pensassem que era caçoada, dançou um tango. O Pedro Consd'rações gostou muito do caso e o capitão Juca Prado, tocou casta-

Fede a palavra o Theophilo Braga e queixa-se amargamente de que por intrigas do abbade de S. Bento, o Cerqueira Mendes não quer dar o parecer n'uma questão de posturas.

Quando o Margarido ouviu fallar em posturas, levantou-se e disse: eu requeiro dispensa de intersticio.

O Lobato puxou-lhe a aba da sobrecoasaca e disse-lhe: não é ainda a hora dos intersticios e depois nós já combinamos tocar dois para cada um.

Neste interim entra o Chico Borges, irmão relaxado dos Remedios e o Zé Vicente vae ler para o Antonico ouvir, o quinquagessimo artigo de fundo que pretende publicar no jornal denominado Cacete com que vae abarrotar a humanidade.

O artigo referia-se, segundo nos disse o Rubião, a um encontro de um bond com um carroção que tem de dar-se naturalmente d'aqui a seis mezes.

Tamos notado que os carros e carroças que passam no largo da assemblé, a não deixam o zé-povinho ouvir o que dizem o deputados.

Passou o Antonico á ordem do dia e principiou o balancé geral dos intersticios.

O Parada requeiro cinco; o Margarido quatorze; o Mello Peixoto dezoito; o Zé-Luiz um e o Lins um, ficando o Fermiano em descaço conforme foi resolvido em reunião dos liberaes, prezidida pelo Castilho.

Estavamos n'estas tristes considerações quando reparamos em um velho que estava atraz do Zé Luiz, vestido de noivo. Gravata branca, cabelo branco e coilete branco.

Pede a palavra o Lobato sobre um projecto de estrada de ferro do Rio Claro, mette o bedelho o Zé Vicente, emenda a mão o Duarte e no fim passa aquillo que o Lobato requeiro.

Podiamos reproduzir n'este momento essa importantissima questão de lei sancionada ou não sancionada, mas como o Duarte, medalhão antigo e campagueo sem rival, estabeleceu a verdadeira doutrina com a qual nos conformamos, quem quizer leia no Correio Paulistano, porque não estamos obrigados á dar explicações á quem quer que seja, á unicamente para fazer Chronica.

Entra-se na questão da hygiene e quando fallava o Margarido, o Duarte com a botina rangadeira com que elle costuma fazer fozquinhas ao bello sexo, nas ruas de Luiz Gama, principia á passeiar da direita para a esquerda unicamente para o povo não ouvir o que fallava o Margarido e o Rubião, sabe do seu lugar e vae estabelecer uma polemica com o Anto-

nico e o Pedro Vicente sobre questões de manifestações e tal attitude tomou a questão que os tres fallavam mais alto que o orador que falla baixo e estes tres elementos reunidos aos dois, que são as duas botinas do melalhão Duarte, fizeram com que não pudessemos ouvir cousa alguma.

Pedi a palavra o Martinico e principiou a desenvolver a questão defendendo os interesses da municipalidade e fazendo ver a impossibilidade em que estava a provincia de estabelecer onus a empregados geraes.

Supponhamos por um momento, disse o deputado Porto do peleiro, que o director da junta de hygiene não cumprasse seus deveres, o presidente suspende o ordenado d'elle e fica elle governando os outros empregados pagos pela provincia.

O Porto não explicou-se bem, mas quem quizer estude a questão.

Como estava se alongando por demais o discurso do Martinico, tratamos de nos pôr ao fresco, mesmo porque hoje é dia de S. Romão e o Romão Teixeira Leonil, que de vez em quando faz annos n'a Redempção, nos mandou convidar para jantar.

Diz o Rocha da imperial sapataria que neste dia em 1845 terminou a guerra civil no Rio Grande e que n'esta dia tambem nasceu o dr. Rodrigo Silva que deve ter agora 40 annos incompletos.

De sorte que agora está o Rodrigo habilitado á ser senador.

IGNACIO TRAHIRA.

CORRESPONDENCIAS

Libertação do municipio de Santa Izabel

Com todo prazer narramos aos nossos leitores a grande festa realisada na florescente villa de Santa Izabel, pela completa libertação do municipio.

Realisaram-se no dia 19 do corrente, com a maior solemnidade possivel, os festejos em regosio pela extincção da escravatura no municipio.

A's 4 1/2 hora da tarde, na rua José Fernandes Cardoso, reunida uma grande multidão de povo, e tomado um logar especial pela corporação musical, usou da palavra subindo a tribuna alli feita e enfeitada propositalmente, o sr. professor José Fernandes Cardoso, distincto presidente do Club O. R. C. o qual declarou cheio de verdadeiro entusiasmo que se já iniciara o festejo popular em regosio pela extincção do elemento servil no municipio.

S. S., em phrases e n'olvidas em odoriferas fiôres, historiou, com luminosas comparações o desenvolvimento da onda abolicionista, felicitou a mocidade isabelense e terminou demonstrando que o dia 19 de Fevereiro marcava uma data gloriosa.

Em seguida levantou vivas ao povo e ao municipio.

Sucedeu-lhe na tribuna o sr. capitão José Manoel de Andrade, que pronunciou um pequeno mas eloquente discurso, sendo interrompido, muitas vezes, por calorosos applausos.

Seguiu-o, na tribuna, o pharmaceutico A. J. Salgado Junior o qual fez as mais brilhantes comparações, trazendo á baila factos da antiga Roma com referencia a escravizadão, demonstrou as qualidades que ornão o chefe abolicionista da localidade, felicitou o municipio e elevou vivas á igualdade, fraternidade e liberdade e, bem assim aos valentes soldados paulistas.

Oraram mais os srs: tabellião Ramalho Antonio Pereira Bicudo, José Pereira Bicudo, capitão Emilio Pinto de Souza, es quaes, com a natural correção, floream os festejos com as comparações que adaptadamente fizeram elevando o nome da briosa mocidade que constitue o ativo grupo abolicionista

Ao encerrar a festa da redempção, subiu a tribuna o ex-escravo de nome Antonio, o qual, commovido em extremo, agradeceu em seu nome e de seus companheiros, a generosidade dos brancos arrancando-os do captivoiro, e terminou elevando um viva ao distincto abolicionista dr. Antonio Bento, o qual foi correspondido com enthusiasmo.

Terminada a solemnidade o povo com a banda de musica á frente, percorreu em passeio as ruas da villa, saudando a José Fernandes, ás autoridades, e outros distinctos cavalheiros que prestaram serviços na propaganda.

As 8 horas da noite teve lugar uma madissima soiree que prolongou-se até ás 4 horas da madrugada.

Reinou a maior ordem nos festejos, sendo geral o regosio.

Do Correspondente.

Guaratinguetá

Com esta epigraphe, li na Redempção, de 19 do corrente, um periodo que diz que a força da Roseira foi posta a disposição do celeberrimo capitão do matto, Januario Moreira Cezar, conhecido por Nhonhô Nabo. E enganado, este individuo responde ao appellido de Nalo, mora mesmo na Estação da Roseira e é dado ao infamante officio de capitão do matto.

Nhonhô Nabo, chama-se José Francisco Freire Guimarães, não mora na Roseira e é mesmo um cavalheiro briose e honrado, incapaz de descer a representar o vil papel de capitão do matto, occupação bem digna de homens desbruidos.

Araraquara

Não era nossa intenção voltar a imprensa para fallarmos da escravizadão, visto que o nosso municipio graças a philanthropia da maior parte de seus habitantes, está, pôde-se dizer, quasi livre d'esse cancro social.

Mas, conversando nós um dia d'estes com um nosso amigo, por elle soubemos que ainda existem por aqui alguns que, longe de se cadunarem com as idéas que correm, não trepidam em dizer:—Nunca darei liberdade aos meus escravos por minha propria vontade. A vista d'isto somos forçados a ir de novo encomodar a nossa enferrujada penna, que já descansava em santo ocio, para continuarmos a nobre missão que a nós mesmos nos impuzimos.

Entre aquelles para quem as palavras: patriotismo, honra, vergonha e dignidade, são cousas vasias de sentido, nada valem, muito se têm distinguido dois sujeitos (pae e filho) que, para vergonha da sociedade araraquarense, po aqui existem, a quem o povo dá os nomes:—Polycarpo Correia de Lemos e Virgilio Correia de Lemos.

Estes dois sujeitos, a quem não conhecemos, nem tão pouco temos desejos, apontados pela voz publica como dois miseraveis, muito dignos de andarem de parcerio entre os varões de uma carroça, praticaram ha poucos dias as mais barbaridades com aquelles que tiveram a infelicidade de serem seus escravos. O caso que teve lugar e que muito honra a quem o praticou, é o seguinte:

Vendo estes dois calabreses, estes dois infames, estes dois nojentos que os seus vizinhos já não tinham mais escravos e lembrando-se que estavam fazendo figurinhas semelhantes aquellas que se costumam pôr nos arroses para se venderem os pas-ares, assentaram de tor os que tinham em casa, mas não o querião fazer sem primeiro saciarem as instinctos ferozes.

A primeira victima, por quem quizeram principiar a mes-acre, foi uma pobre e infeliz mulata. Altas horas da noite, quando tudo estava entregue ao somno, os dois canibaes sahiram de seus nojentos e repugnantes antros, pegaram a infeliz mulata, e depois de a trancarem em um quarto, cahiram sobre ella como dois abutres, de maneira que a ter am matado se os outros escravos, atrahidos pelos lastimosos gritos da infeliz, não acudissem pedindo aos dois bandidos que a largassem. A vista d'estes infelizes, prostrados no chão, implorando misericordia para sua companheira, os dois maldados, largão a sua victima que toda ensanguentada se debatia no chão, armam-se de fozes, chamão a cachorra e de p'ca-ria com ella langam-se como dois t'gres sobre os miser e os tocam pela cafetal fora, gritando atraz como dois en-gueneos:—Para fora na grada do diabo nem mais um minuto nas minhas terras.

Os cotados, depois de vagarem a noite inteira pelo matto, cahindo aqui e levantando-se ali, chegaram ao amanhecer, todos estropiados e mordidos de cachorro, á fazenda do honrado cidadão o sr. João S'huenk que bondosamente os acolheu. A mulata que foi a primeira victima, chegou toda cheia de sangue e um de seus companheiros, apresentava um profundo golpe de foice em uma perna, de maneira que já são passados uns dias e os dois infelizes ainda estão em tratamento na mesma casa em que foram acolhidos.

Es aquiem poucas palavras o extracto das b-nitas provas praticadas pelos tres senhores:—Polycarpo Correia de Lemos e seu digno filho Virgilio Correia de Lemos.

A liberdade que certos fazendeiros deram aos seus escravos, esquentou o cerebro de alguns, a ponto de estarem em maré de perderem a bola. Um certo fazendeiro, t'estes que na sua tôa imaginação se persuade que cahiu do céu por descuido, ou que talvez se os brazileiros as-entarem de escolher uma nova dinastia para reinar, vinha a ser escolhido e le ou alguém de sua familia não recordo-se com seus escravos, assentou de expulsal-os de sua faz-nda. Estes, uma vez xpuzos da casa de seu senhor, foram-se justar em diversas fazendas nas circumvizinhanças. O sr. Feudal, depois que praticou este acto um tanto selvagem, arrependeu-se e principiou a dizer:—É verdade que expulsei os meus escravos da

minha fazenda, mas, no entretanto, são meus captivos e todo aquelle que os justar tem de me pagar o jornal! E esta?! A bola d'esto sujeito parece não estar em boas condições.

O bom do homem entendeu que n'esta terra ninguem dava liberdade aos escravos sem lhe pedir licença.

Tenham paciencia senhores, o despotismo já vae longe, e a civilisação que por sua vez tem rasgado as trevas da ignorancia, jámais o deixará imperar entre nós.

Dai um passeio á velha Europa, e lá vereis esses castellos arrogantes que por alguns seculos desafiarão o poder dos reis. O que são elles h'je? Tristes signaes de um poder que já passou e que jámais voltará.

Esses collossos que estão deseminados por toda parte em torno dos quaes as parasitas e a vegetação tem firmado o seu imperio, mostram que a igualdade e a fraternidade têm tomado o logar do despotismo e das arrogancias:—Hoje todos somos iguaes

A Justiça.

Araraquara, 24 de Fevereiro, de 1888.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Faz annos na Penha do Rio do Peixe, José Pedro de Oliveira, abolicionista falisficado que tem cinco escravos alugados, vivendo a custa dos aluguis desses infelizes e de duas ingenuas que tambem tem alugadas.

No Banharão de baixo, faz annos o emperrado fazendeiro Tonico Elien por ter no tronco e no viramundo diversos escravizados.

Tambem faz annos todos os capangas que o dito fazendeiro tem em armas afim de aterrorisar os pobres escravizados.

Faz annos no mesmo logar o Cruz, fazendeiro retrogrado por censurar os fazendeiros de Banharão de cima, dos quaes uns já pa-saram cartas de libertades a seus escravizados e outros promettem no dia 31 de Dezembro.

Faz annos no mesmo logar o medalhão Ciotra por não consentir que seu administrador hospede pessoas desconhecidas suppondo serem ab licionistas.

Faz annos por atacado e a varejo todos os fazendeiros do Banharão de baixo, por serem os unicos que no municipio de Dous Corregos não deram liberdade aos seus escravos.

Faz annos e continuará a fazer no mesmo logar o capina bruto Tonico Elien que mandou vir 25 armas de 20 tiros cada uma para 25 capangas guardarem-lhe a fazenda e o pillo.

Faz annos em Dous Corregos o caboclo sem vergonha Antonio Pereira Garcia que apezar de sua patrão ter dado liberdade, daquella moda, aos escravos, este patife os maltrata a ponto de tiralhes até os dias sanctificados.

Não fazem annos em S. José do Rio-Pardo, o Maneco Ribeiro, o Maneco Lima, o dr. Horacio, a d. Miquita, o Vicente Dias e Antonio Musa, e tambem não fazem mais o Corrêa, o Lima, o Marçal, o Bentinho e o dr. Machado, porque já deram plena liberdade aos pretos que tinham.

Fazem annos no mesmo logar, o Balduino Musa, o Felicissimo, e ainda o Zé Divino, o Zé Julio e o Zé Dias Machado, por darem liberdade aos seus escravizados, com a condição de serem.

No mesmo logar, o Sturnino Barbosa, o Zé Ezequiel, o Juca Papudó, o M guel de Noronha, o João Theodoro (quasi liquidado), o Zé Antonio Ferreira, o Junqueira e o Saint-Clair, continuam fazendo annos por atacado e a varejo, atrelados a dous de fundo, por serem caraduras e rã, quererem libertar os escravizados que têm.

Faz annos no mesmo logar, o pardo Lulú C'aro de Mello, escravizadão sem vergonha e valente armazem de pancadas, até que lhe appareça o instincto de igualdade, para assim libertar os seus parceiros.

No mesmo logar, faz annos o Dominginho negro, até que dê liberdade aos parceiros que semp e esfolados lhe são sujeitos.

Fazem annos no mesmo logar, as cinzas do Antonio Theodoro, emquanto os seus herdeiros não derem liberdade aos pretinhos que conservam.

No mesmo logar, faz annos o Felix porque a nda não cogita de libertar os seus pretos.

Fazem annos, no mesmo logar o Jonas Negro e Luiz de Mello, legitimos pachydermes e valentes capifres do matto, por terem penetrado na estação de Matto-Secco em um wagon de passageiros e tirado d'elle, com desrespeito aos passageiros e aos chefes da estação e do trem, tres e-rcavizados seus, seguindo com elles para a estação do Ca-cavel, onde foram esperados e recebidos com enthusiasmo, sendo alli os pretos postos em liberdade e servido aos pharizeus um lauto banquete de paus, engates, etc. e val bofetões, sabindo em seguida em procissão, com as mãos atadas, e em marche marche, ao rimbombar freireco de umas latas de kerozene.

Faz annos em Dous Corregos o Catungó orça-não pôde pegar os seus infelizes e avos.

No mesmo logar fazem annos atrelados, o gallego Barbosa e o caboco caracão de escravos que não são seus.

Em S. João da Boa-Vista faz annos o zote Mizael Tavares Coimbra, de pistola em punho, por applaudir o assassinato do Rio do Peixe.

Faz annos no mesmo logar o fazendeiro atrazado Candido José Soares por maltratar muito seus parceiros e ter maior de 70 annos no cativoiro.

No mesmo logar faz annos, chovendo ou fazendo sol, acordado ou dormindo o negro aço Bazelido Genro do Agua Morna, vulgo João de Aguiar, por castigar barbaramente o preto Antonio e arrancar as barbas do infeliz negro.

Faz annos no mesmo logar, ainda que chova e viajando para Mogy mirim, atraz de pretos fugidos o capitão do matto José Jacintho do Amaral Pinto.

No mesmo logar faz annos e continuará a fazer José Jocknel Ferreira, por gostar muito de pôr ferros nos pés dos pobres escravos dos fazendeiros quando devia apenas incumbir-se de fazer ferraduras para aquelles escravocratas.

Faz annos no mesmo logar por atacado e a varejo o negociante bacharel Antonio B. dos Santos Malheiro por não poder castigar mais com laço o mulato André por este ter ficado ferro.

Faz annos e continua a fazer o prototypo José Laporte, limpador das caçambas do sr. A. J. C., até que de xe o mau emprego de vigilante das infelizes mulatas.

Fazem annos em Capivary Nhonhô Nardy de cabelo grenho atrelado com o N'rdynho, por andarem de vae-vem a procura de negros fugidos e farão sempre, até que libertem esses infelizes homens de sua raça.

No mesmo logar faz annos um velho de da rua do Commercio, por fallar muitas asneiras contra os abolicionistas.

Em R-zende faz annos o dr. Menezes por ter mandado cortar a chicote um seu escravo, que tinha ido apresentar ao delegado Emilio Celono, que tambem faz annos, a sua companheira martyrisada brutalmente por ordem do dito dr. Menezes.

Faz annos em Mogy guassú Alfredo Bueno que vive pregado a seus escravos como um parafuso, de medo que os abolicionistas saibam que elle tem 2 escravos em ferros.

Faz tambem annos no mesmo logar o dr. Moraes por ter duas negras algemadas.

Faz annos no mesmo logar Francisco Franco de Gudoy, que se conserva silencioso, quando seus parentes já libertaram todos os escravos.

O Tonico Teixeira, faz annos no mesmo logar, quer chova que não, por mandar praças esperar escravos fugidos e ter comprado uma carabina de doze tiros.

Fazem annos na Roseira, os Arrudas por não terem até esta data libertado nenhum dos seus escravos.

Faz annos nesta capital o Oliveira do Apito, por estar perseguindo a preta Agueda, para a liberdade da qual não entrou com dez réis.

ANNUNCIOS

Rio-Bonito

FABRICA DE FOGOS ARTIFICIAES

Antonio Jesuino Bittencourt Villas-Boas, tem sua officina de fogos artificiaes na villa do Rio-Bonito, provincia de S. Paulo.

Faz sciente ao publico que recebe toda e qualquer encomenda de fogos para qualquer parte desta ou de outra provincia, e a prompta com toda a brevidade e por commo de preço, mediante uma garantia. Affiança o seu trabalho em tudo quanto for concernente a sua arte.

Remette os fogos para o logar destinado por conta de quem com elle tratar, ou por sua conta conforme o trato que fizer com os festeiros.

Rio Bonito, 13 de Fevereiro.

Antonio Jesuino Bittencourt Villas-Boas.

6-2



Na officina de barbeiro, rua Duque de Caxias, n. 11, vende-se cachorros da Terra Nova, legitimos; quem pretender dirija-se a mesma.

Musica para baile

Trata-se na aula de musica dos Remedios.

PREÇO COMMODQ

A La Belle Jardinière

25U000

Um costume de panno preto, forrado de merinó da China, fazenda superior, fitado de seda, obra de apurado gosto.

6\$000!!

Um costume de brim de côr, francez, diversos feitios e elegancia, para creanças de 3 a 9 annos.



13U000

Um costume de casimira de côr, á escolha do freguez, fazenda moderna, «tout á fait chic».

3\$500!!

Um paletot de brim de côr, francez, diversos feitios, obra de apurado gosto e elegancia.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.

SAPATARIA DO POVO

43--RUA JOÃO ALFREDO--43

O abaixo assignado chama a attenção de seus amigos e freguezes para visitarem e apreciarem o bom e elegante sortimento que actualmente recebeu esta casa.

Calçados de todas as qualidades em sapatos para homens e senhoras.
Sapatos á Carlos IX, bronzeados e pretos.
Sapatos á Carlos Andréa, bronzeados e pretos.
Sapatos polacos, de pellica.
» de verniz.
» R. Caion.
» de pellica, com botões.

Sapatos de verniz, xadrez.
» de verniz.
» de cano de casimira.
» de bezerro.
Botinas a pontos.
» de bezerro.
» de cordovão.
» de verniz.

Botinas para creanças de todas as qualidades

PREÇOS SEM RIVAL

Faz-se tambem toda obra por medida, a gosto do freguez.

Rua João Alfredo, antiga Municipal, n. 13, junto a loja Allemã

CESARIO F. LOPES

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

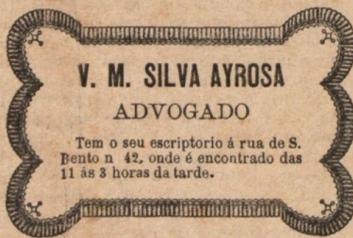
Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

Obras Dramaticas

AMOR-CACETE—comedia em 3 actos.
NOIVA DE 60 ANNOS—comedia em 3 actos.
CRIME DE UMA MULHER—drama em 5 actos e 1 prologo.
A POBRESINHA—comedia em 1 acto.
AS DISTRAÇÕES DE UM MARI-DO—comedia em 1 acto.
A venda na rua de S. Bento n. 59, Livraria Escolar.



V. M. SILVA AYROSA
ADVOGADO

Tem o seu escriptorio á rua de S. Bento n. 42, onde é encontrado das 11 ás 3 horas da tarde.

Armazem Paulista

Chegaram as magnificas castanhas de carrezado que se vende por atacado e a varejo; assim como tem castanhas assadas com o competente vinho verde a toda e qualquer hora.

No Armazem Paulista

TRAVESSA DA QUITANDA, 6

Drogaria Central

É o primeiro estabelecimento de drogas da provincia.

Fornece aos srs. pharmaceuticos: drogas, utensilios, vasilhames e tudo quanto é preciso para uma boa pharmaeia, em condições tão boas ou MELHORES que na Côrte.

Tem sempre grande deposito de ioduto de potassio, bromureto de potassio, sulphato de quinina etc..

Rua de S. Bento, 44

Martins, Labre & Comp.

HORRIVEL!

HORRIVEL!

O VICIO DA EMBRIAGUEZ

O remedio especifico do dr. Poekings

MEDICO DA RUSSIA

Cura radicalmente o terrivel vicio da embriaguez por mais antigo que seja, isto, porque depois do viciado ter tomado o ESPECIFICO, toma tal aborrecimento ás bebidas que é bastante o cheiro de quaesquer dellas para revoltar-lhe o estomago e causar-lhe nauzeas.

Envolve os frascos attestados dos mais notaveis medicos da Europa e America, como tambem o modo de uzar o ESPECIFICO vem explicado em as linguas: franceza, italiana, alleman e portugueza.

Cada frasco 4\$000

DEPOSITO NA PHARMACIA DA FÉ

RUA DA VICTORIA, N. 126

TELEPHONE, N. 284

S. PAULO

AO ESPELHO DA VERDADE

52--Rua de S. Bento--52

S. PAULO

URIOSTE, PEREIRA & COMP.

Importação directa dos melhores fabricantes

Primeiro estabelecimento da provincia neste ramo de negocio

Grande deposito de papeis pintados nacionaes e estrangeiros, vidros de todas as qualidades, espelhos, gravuras, molduras, quadros, tapetes e oleados. Aprompta-se qualquer encomenda com esmero e promptidão.

PREÇOS MODICOS